



Da conversa à esfera pública: Indagações sobre o processo comunicativo¹

Luís Francisco Munaro²
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

O objetivo deste texto é investigar, tendo como ponto de partida o cruzamento de informações disponíveis sobre a formação das esferas públicas no séc. XVIII e as teorias da conversação, como as ideias políticas ganham repercussão e atuam na fabricação de identidades coletivas. Pretendemos assim lançar hipóteses ou esquemas de estudo para intercalar aquilo que se pode chamar microssociologia da comunicação, isto é, a comunicação ocorrida nos processos elocucionários mais simples, e a comunicação mais ampla que envolve a formação de identidades nacionais, afinadas com as perspectivas de construção da esfera pública.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação, conversação, esfera pública, civilização.

O beijo de Lamourette que Robert Darnton diz tê-lo tocado durante seu sono fez com que ele vislumbresse, à sombra da Revolução de 1789, multidões esparsas e sanguinárias, motivadas ao mesmo tempo que por boatos vagos, pelo fracionamento das ideias dos *philosophes* (DARNTON, 2010). A ação individual de homens ilustrados convertia-se em gestos heróicos a serem apropriados e a tornarem-se parte da nova tradição a ser inventada. Voltaire e Rousseau eram carregados como estandartes de um mundo governado pela ação popular. Mas há um longo caminho até que as massas convulsas e seus líderes, semiconvulsos pela ebriedade do poder, consolidassem ideias sobre um governo e especialmente sobre uma utopia. O século das Luzes é marcado pela transformação gradual da esfera pública e pelo ingresso nela de ideias relativas a um corpo de homens instruídos, a República das Letras. Pela ação dos homens liberais, as livres trocas comerciais deveriam substituir o pesado Leviatã. Seu sumiço deixaria que os homens governassem a si mesmos sem a pressão de indivíduos superpoderosos ou mensageiros de Deus.

O objetivo deste texto é investigar como estas ideias referentes a um mundo novo surgem e repercutem, auxiliados pelo cruzamento das informações disponíveis sobre a formação das esferas públicas no séc. XVIII e as teorias da conversação.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Curso de História da UFF (Universidade Federal Fluminense), email: luismunaro@yahoo.com.br.



Pretendemos assim lançar hipóteses ou esquemas de estudo para intercalar o que se pode chamar microssociologia da comunicação, isto é, a comunicação quando ocorrida nos processos elocucionários mais simples, e a comunicação mais ampla que envolve a formação de identidades nacionais, afinadas com as perspectivas de uma esfera pública, isto é, da construção de um governo. Noutras palavras, trata-se de enriquecer a perspectiva de como o micro se une ao macro nos estudos de comunicação, retomando a importância das conversações para a formação de identidades políticas. Dessa forma, cabe percorrer desde a fofoca identificada por Norbert Elias em seus estudos em Winston Parva, o agir comunicativo de Jurgen Habermas ou os mexericos do submundo literário de Robert Darnton. Por fim, a hipótese de Norbert Elias referente às mudanças radicais nas formas de conversação que acarretariam na reordenação da sociedade como um todo. Convém lembrar, assim, que há um arcabouço amplo de grandes pensadores a enriquecerem as temáticas históricas na comunicação social, quando estamos certos de que o cruzamento híbrido é a principal proposta da comunicação, ao invés do esforço convicto e monolinear, estéril para a pesquisa.

As ideias políticas, aquelas que catalisam e dão sentido às atitudes políticas, responsáveis reais pela alteração da ordem social, não fluem num substrato platônico, organizado sobre a cabeça dos homens, mas sim se enredam numa trama de homens unidos de convicções e limitados por circunstâncias. Como lembra Roy Porter, sobre a insuficiência de estudar o Iluminismo apenas através dos grandes textos deixados por grandes pensadores: “(...) recent social historians have invited us to regard the movement as a wider ferment inaugurated, sustained and spread by a vastly larger number of relatively obscure thinkers, writers, readers and contact loops” (PORTER, 2001, pp. 40). O cultivo da Razão, Razão que orientava esses homens, não deve nos impelir a deixar de lado as paixões subjacentes ao percurso individual das vidas e do que, eternizado pela inscrição em livros e cartas, foi relegado à posteridade, sendo necessário refletir nesse movimento sua urdidura e suas relações sociais mais profundas. Quer dizer, tem-se tentado pensar quais os instrumentos materiais que dispunham os indivíduos, inscritos em práticas sociais específicas, para comunicar suas ideias. Além dos instrumentos, os espaços que abrigavam conversações através das quais se partilhavam planos e projetos quanto a determinadas organizações sociopolíticas. Destarte, aproximamo-nos daquilo que Robert Darnton, em seu guia não usual, propôs como *história da comunicação*:



Eu proporia um ataque geral ao problema de como as sociedades davam sentido aos acontecimentos e transmitiam informações sobre eles, algo que poderia ser chamado de história da comunicação. Em princípio, esse tipo de história poderia provocar uma reavaliação de qualquer período do passado, pois cada sociedade desenvolve seus próprios meios de buscar e reunir informação; suas maneiras de comunicar o que reúne, quer ela use ou não conceitos como notícia ou meios, podem revelar muito sobre sua compreensão da própria da própria experiência (2005, p. 41).

A história da comunicação, portanto, pode nos levar a perceber de forma um pouco mais microscópica como o fluxo de ideias se dispersava e ganhava, nos dispositivos materiais em que se encontrava inscrita a *mensagem*, renovadas possibilidades de interpretação. Darnton, sem dúvida, põe uma questão cara aos comunicadores num tempo em que a comunicação busca por um estatuto epistemológico próprio. McLuhan fazia isso quando situava os meios de comunicação no centro da evolução do pensamento humano, como condicionantes para as formas de o homem vivenciar e perceber o mundo (1972). Ora, certamente esse problema lançado por McLuhan, do qual Darnton e tantos outros foram beneficiados, ajuda a enriquecer a nossa percepção acerca do esquema da comunicação como uma *peça* de características próprias dentro do jogo do pensamento.

1. Comunicação e formação do público

A conversa é o fundamento da ação política e é ela mesma, enquanto interpenetração entre espíritos, uma atitude política. Independente do grau de complexidade contido na informação transmitida, a conversação é uma estratégia que busca levar o interlocutor a uma mudança de posição, ainda que para reiterar de modo mais significativo posições já assumidas anteriormente. A ideia do “agir comunicativo” implica a existência de pressupostos de racionalidade entre os falantes envolvidos na conversa. Habermas sugere que as comunicações mais simples são o suporte para a formação de públicos organizados e mobilizados em torno de ideias políticas de maior amplitude. O processo narrado em *Mudança estrutural da esfera pública* diz respeito à gradual formação de públicos leitores a partir da troca de informações epistolares privadas (1984, p. 35). As afirmações de Habermas são um bocado endurecidas e seu processo lembra uma conversa de filósofos que passa meio além do dramático espetáculo humano que caracteriza o século XVIII. A onipresença da razão, nesses espaços públicos, acabaria por inevitavelmente modelar os contornos da comunidade



política. O jornal que, Habermas lembra Edmund Burke, cada um dos homens ilustrados têm em suas mãos, é um aspecto necessário dessa politização. Não dá para afastar o filósofo desse idealismo construído pelo próprio Iluminismo, independente dos méritos que residem na sua busca pelo *homo rationalis*.

Na literatura da comunicação, o jornal tem aparecido como um importante instrumento de formação política e informação, portanto como substrato fundamental para diálogos sobre temas mais amplos. Habermas enxerga na centralização crescente dos Estados nacionais, para os quais a intervenção oficial tratou de dispor meios de informar os indivíduos a respeito de temáticas úteis referentes ao comércio, a ideia de uma opinião pública na qual o produtor e o consumidor de cultura se encontram em crescente relacionamento uns com os outros, tornando-se capazes de interferir ativamente no meio político. A essa legítima busca do homem iluminista, que dá as cartas de uma opinião pública orientada pela razão, teria seguido o “feudalismo industrial”, no qual um grupo de poucos senhores se apossa dos meios de produção capitalistas, dentre os quais a própria imprensa, controlando assim aquilo que deveria ter caráter público. A notícia, no contexto de afirmação dos Estados soberanos, também ela se torna uma mercadoria, quer dizer, o rebotinho de um material que primeiramente é controlado pelos gerentes das trocas de informação privadas (HABERMAS, 1984, p. 35). O filósofo opõe, prosseguindo em seu raciocínio, a publicidade que surge com a troca de informações numa esfera tipicamente burguesa e em sua possibilidade de crítica política ativa a, por outro lado, a “publicidade” acrítica como um fenômeno meramente mercantil direcionado para uma massa de consumidores desorganizados.

Ainda que enveredando um percurso bastante diferente, Gabriel Tarde tenta igualmente pensar a comunicação a partir de seus aspectos microssociológicos e dali parte para a formação de comunidades comunicativas mais amplas, ligadas à persuasão das *foules* como um fenômeno tipicamente moderno. Para o autor, a imprensa ajuda a dar contornos à esfera pública ativando conversações privadas sobre temas inerentes ao espaço público. Se Hegel afirmava que o jornal é a “prece cotidiana” do homem moderno, Gabriel Tarde afirma que “todas as manhãs, os jornais servem a seu público a conversação do dia. Pode-se estar mais ou menos certo a cada instante do tema das conversas entre os freqüentadores de um círculo [...]” (2005, p. 93). Para Tarde, os contornos da opinião pública se tornam mais nítidos quando atentamos para a produção regular de escritos periódicos, aparentemente concernidos na tarefa de produzir informações sobre temas caros a amplas comunidades de falantes de uma mesma língua.



Essa preocupação com as coletividades mais amplas em detrimento dos pequenos agrupamentos individuais seria um fator determinante para a formação e solidificação dos modernos Estados nacionais, como tornaria a observar Benedict Anderson oitenta anos depois (1989, p. 42). Tarde percebe ainda como o fluxo dos mexericos se torna potencialmente menor com a expansão da comunidade. Em suas especulações sobre a conversação, ele nota que pequenos agrupamentos de indivíduos estão mais estreitamente vinculados através dos mexericos locais, ou seja, sua união depende dos canais de fofocas que mantém constantemente indivíduos considerados muito diferentes fora do convívio local (2005, p. 79). A opinião que, ao invés de *diálogos sobre* indivíduos locais, passa a girar em torno do ambiente político de maior amplitude, suscita coesão em torno de temas mais diversificados, ao mesmo tempo em que fortalece a imagem dos líderes de opinião, encarregados da promoção da *publicidade*. Estes ambientes maiores estão identificados com os contornos do Estado Nacional. Ao falarmos de identidade ou consciência nacional teremos que precisamente nos referir ao esforço literário periódico que caracteriza a esfera pública literária.

Para Benedict Anderson, os indivíduos pertencentes a dada comunidade política imaginada teriam os seus laços estreitados através do tempo e do espaço que os jornais demarcam regularmente (1989, p. 42). Antes de cair no vazio temporal que na Idade Média era vagamente organizado pelas badaladas dos sinos das igrejas, o homem moderno tem ao seu dispor, no alto da página do jornal diário, a data que lembra estar realizando uma atividade comum a uma infinidade de outros indivíduos. Esse ritual coletivo de leitura garante a segurança das modernas comunidades imaginadas em seu lento caminhar no tempo intangível. No mesmo sentido, tanto Habermas, Tarde e Anderson dão ao jornal um papel primordial de interlocutor da sociedade civil, quer dizer, de lançar luz ao espaço público e fomentar, no âmbito individual e privado, as pautas de conversas entre os indivíduos, algo semelhante ao que teriam pensado os pesquisadores vinculados ao *Agenda-Setting*.³ Parece não haver dissenso quanto ao fato de o jornalismo ampliar o arcabouço de temas disponíveis à conversação ao versar sobre uma comunidade de amplitude maior, ainda que o fundamento das conversas seja o

³ Pensamento que pode ser ilustrado através da ideia de “opinião pública” de Walter Lippman: “Eles se movimentam, como se estivessem numa correia, num mesmo círculo de conhecidos de acordo com a lei e o evangelho de seu marco social. Entre os homens, os círculos de conversação no trabalho, no clube e vagões de fumantes são mais amplos que o marco social ao qual eles pertencem. Entre as mulheres, o marco social e o círculo de conversação são freqüentemente iguais. É no marco social que as ideias derivadas das leituras e palestras e do círculo de conversação convergem e são apresentadas, aceitas, rejeitadas, julgadas e sancionadas. Lá é finalmente decidido em cada fase da discussão que autoridades e que recursos de informação são admissíveis, e quais não” (2008, pp. 57-8).



mesmo: indivíduos e suas atitudes. Segundo Tarde, se a conversa não ativa constantemente o material trazido pelos jornais, ele está mui provavelmente fadado a cair no esquecimento. Habermas menciona convictamente os cafés e salões como espaços em que essas informações ganham difusão e são reativadas na forma de conversações, podendo assim gerar conhecimento coletivo.

A leitura do jornal, portanto, permite que a manada siga em frente. O desconforto do homem moderno ao ver-se atrasado no fluxo de notícias é logo sentido quando toma em mãos um jornal que já não pertence ao dia em que está sendo lido:

Abro um jornal que julgo ser do dia e nele leio com avidez certas notícias; depois me dou conta de que data de um mês, ou da véspera, e ele deixa de me interessar imediatamente. De onde provém esse desgosto súbito? Os fatos relatados por acaso perderam seu interesse intrínseco? Não, mas dizemo-nos que somos os únicos a lê-los, e isso basta (TARDE, 2005, p. 7).

Ao analisar esse processo coletivo de produção de conhecimento, Habermas demonstra grande desconforto. Ao mesmo tempo em que fornece detalhes sobre a construção de um espaço público nos moldes da utopia letrada de Edmund Burke que tinha curso no século XVIII, lamenta a apropriação dessa utopia pelos barões da indústria no processo que descreve como “feudalismo industrial”. A crítica do autor sugere que retornamos a limitados feudos organizados por senhores que controlam o fluxo da informação através de jornalistas e líderes vendidos, basicamente o que se chama de “publicidade acrílica”.

Vê-se, nos estudos acima brevemente remontados, a ideia de que a opinião pública é dirigida pela ação de determinados indivíduos considerados especializados em divulgar e delinear esse tipo de opinião, muitas vezes considerados “quarto poder”. Os estudos de Paul Lazarsfeld, chamados *two step flow of communication*, sugerem a existência de líderes mediadores entre os meios de comunicação de massa e o público.⁴ De acordo com esse modelo, a informação seria sempre filtrada por lideranças, encarregadas de dar a conhecer ao seu público ou aos seus pares aquilo que existe de mais importante no que concerne à atualidade. A predominância desse esquema, quando se busca integrar a comunicação em seu estado mais simples, quer dizer, a simples

⁴ Como complementa Mauro Wolf: “É internamente a essas relações sociais que a tendência para desenvolver opiniões compartilhadas pelos outros componentes do grupo salienta a existência dos líderes de opinião e sua função de mediadores entre os meios de comunicação de massa e os outros indivíduos menos interessados que possuem uma participação menor na campanha presidencial. O fluxo da comunicação em dois níveis (*two step flow of communication*) é determinado justamente pela mediação que os líderes desenvolvem entre a mídia e os outros indivíduos do grupo” (WOLF, 2008, p. 39).



conversa, a esquemas mais complexos que dependem de líderes e formadores de opinião e mexem com identidades nacionais que dependem de espaços públicos, revela justamente certa dificuldade em relacionar a comunicação entre poucos e muitos indivíduos.

Outra proposta está mais próxima de responder a essas questões e, destarte, contribuir para o enriquecimento dos estudos no âmbito da epistemologia da comunicação ou da história da comunicação, ainda que não tenha qualquer pretensão relativa a isso. A preocupação central da obra sociológica de Norbert Elias é integrar o indivíduo à sociedade, buscando perceber qual o grau de autonomia do primeiro diante da segunda. Em estudos específicos, como a grande sociedade de antigo regime, ele investiga a questão das figurações, funções assumidas pelos indivíduos numa determinada rede de interdependências. Aproximando-se de Tarde e Anderson, chama civilização de “consciência nacional ocidental”. Implícito no refinamento das maneiras, característica da civilidade da corte, estaria a própria exigência de uma conversa na qual os interlocutores eram obrigados a observar mais delicadamente um ao outro, de modo a não ferir as complexas etiquetas do modo de vida cortesão. Para exemplificar, Elias menciona o difícil processo de Saint-Simon para tentar convencer o Delfim, considerando a hierarquia inferior que Saint-Simon detinha em relação ao filho do rei e, conseqüentemente, da necessidade de conduzi-lo, através da conversa, da forma mais cuidadosa possível, só assim podendo persuadi-lo de suas próprias ideias.

Tal descrição mostra com clareza como e por que são justamente os que ocupam uma posição inferior que se tornam estrategistas da conversa [...] é Saint-Simon quem está realmente correndo perigo em tal conversa. O príncipe sempre pode quebrar as regras da conversa de corte de alguma maneira; pode, se for conveniente, encerrar a conversa e romper as relações por um motivo de sua escolha, sem sair perdendo muito. Em contrapartida, para Saint-Simon, muita coisa depende do resultado de tal conversa, sendo portanto de importância vital agir com extremo controle e ponderação durante o encontro, mas de modo que tal comportamento nunca possa ser percebido por seu interlocutor. Nessas condições, quem deixa transparecer esse esforço – pelas expressões faciais, por exemplo – está em grande desvantagem. Conduzir o interlocutor de nível social mais elevado para onde se deseja, quase imperceptivelmente, com delicadeza, é o primeiro mandamento do intercâmbio entre os cortesãos (ELIAS, 2001, pp. 123-4).

O refinamento dos costumes, incluindo aqueles que dizem respeito ao entendimento com base na observação atenta do outro (Gabriel Tarde chamaria de “mimese”), cumpre uma tarefa importante no processo civilizatório descrito por Norbert Elias. Assim, vê-se que paralelo a mudanças em esquemas figurativos amplos



desenvolvem-se novos rituais de conversação, a partir dos quais os indivíduos se encaixam dentro de determinadas hierarquias. Na linguagem de Elias, a figuração do Antigo Regime dá lugar aos modos burgueses de aparição, desprovidos das etiquetas e mais voltados para a racionalidade comercial.

2. Conversação e identidade coletiva

A integração social é governada por esse imperativo de entendimento mútuo que adquire variados níveis, de acordo com o estado de civilização. Observando-se os procedimentos ou rituais de conversação entre os indivíduos, poder-se-ia ter uma ideia mais geral do esquema de funcionamento de uma sociedade. É importante lembrar, antes de qualquer coisa, a atração irresistível que exerce a conversação, no fluxo da qual, para usar a linguagem de Gabriel Tarde, os indivíduos adquirem maior ou menor integração. Para o autor, a conversação

[...] marca o apogeu da *atenção espontânea* que os homens se prestam reciprocamente e pela qual se interpenetram com profundidade infinitamente maior do que em qualquer outra relação social. Ao colocá-los em contato, faz com que se comuniquem por uma ação tão irresistível quanto inconsciente. Por conseguinte, ela é o agente mais poderoso da imitação, da propagação dos sentimentos, das ideias, dos modos de ação (2005, p. 77).

A compreensão de Tarde sobre o processo comunicacional, contudo, enxerga uma teleologia na qual o refinamento progressivo da conversação, ou melhor, a ruptura do costume como seu elemento constituinte, daria lugar apenas ao elemento “moda”, o que acabaria por levar a humanidade rumo à formação de um cérebro (?) guiado pela abertura constante para a novidade (2005, xvii). Por outro lado, as críticas de filósofos como Jean François-Mattéi percebem na busca constante pela novidade o eco da desagregação do pensamento e fragmentação da civilização (2001). Teríamos assim que pensar o cérebro coletivo sugerido por Gabriel Tarde como um cometa que rasga o céu acrescentando ao seu redor toda a sorte de elementos sem, inobstante, ter qualquer direção. Por outro lado, para Habermas, a comunicação entre os homens só não estaria fadada a um futuro apocalíptico e homogeneizador se fosse retomado o velho projeto Iluminista. Para o filósofo, a conversação é atravessada pelas pretensões de validação dos indivíduos nela envolvidos. Há, em suas conclusões, o pressuposto implícito de que a razão universal pode abalizar o entendimento entre os homens. A forte influência



kantiana na teoria de Habermas gerou-lhe muitas críticas. Isto porque qualquer observador desatento do Terceiro Mundo é incapaz de ver os princípios normativos da comunicação como quando, por exemplo, uma criança despossuída interpela um sujeito engravatado em busca de um “hot-dog”. Antes do que racionalidade, existe nesse exercício comunicativo um clamor. Em *Verdade e Justificação* Habermas procura detalhar o seu “agir comunicativo”:

As comunicações cotidianas repousam no contexto de suposições de fundo compartilhadas. E a necessidade de comunicação nasce, por sua vez, da necessidade de manter em harmonia as opiniões e intenções – de sujeitos que decidem de forma independente – relevantes para a ação. A comunicação não é um jogo auto-suficiente, por meio do qual os parceiros informam uns aos outros sobre suas opiniões e intenções. Apenas o imperativo da integração social – a necessidade da coordenação de planos de ação de participantes da interação que decidem de modo independente – explica o que é primordial ao entendimento lingüístico mútuo (2004, p. 173).

Ao ostentar a bandeira do entendimento mútuo, Habermas dá vida à “microsociologia” de seu projeto comunicativo, que termina nas comunicações da esfera pública, chamadas publicidade. É nítida a dificuldade existente em integrar essa “microsociologia” da comunicação com os processos mais amplos de comunicação e sua ligação com a fabricação de identidades coletivas. Tal dificuldade reside principalmente no fato de que, de dois indivíduos para um contexto maior deles, a comunicação constantemente perde o fator de entendimento mútuo e passa a ser entrecortada pelo medo, pela tensão, pela sedução hipnótica, ou, para resumir, pela irracionalidade.

Norbert Elias, em *Estabelecidos e Outsiders*, dedica-se a estudar a “estrutura das fofocas” e através dela perceber como o trânsito de ideias muitas vezes irracionais era responsável pela coesão do grupo mais antigo de “Winston Parva”. Essas fofocas premiavam os membros “estabelecidos” através de “pride gossips”, ao mesmo tempo em que denegriam os neófitos através de fofocas depreciativas, “blame gossips”. Destarte, temos que a fofoca ajuda a disseminar o costume e manter a comunidade estável, alheia a padrões de comportamento que possam desestabilizá-la. Nessa pequena comunidade, Elias descobre como minorias poderosas controlam o pensamento coletivo através do domínio da comunicação que ocorre ao nível das fofocas e dos mexericos. Não se pode negar nisso uma semelhança com os supracitados barões de Habermas: o processo comunicacional é orientado pela presença de lideranças que constantemente

filtram o material disponível para a conversação, rechaçando aqueles que pareçam mais inconvenientes. Elias assim resume suas observações:

A análise subsequente da estrutura das fofocas em tal comunidade talvez ajude a dar uma idéia mais clara da dinâmica da hierarquização; ela mostra até que ponto as minorias poderosas, funcionando como uma espécie de líderes das fofocas, são capazes de controlar as crenças de uma rede mais ampla de vizinhos e de influenciar a circulação de boatos laudatórios ou depreciativos, bem como os padrões usados para comparar as famílias (2000, p. 83).

Elias fornece uma singularíssima análise do processo comunicacional em seu nível “microsociológico” que funciona como metáfora eficaz para a comunicação protagonizada e controlada por grandes líderes. Richard Hofstadter lembra, em *The Paranoid Style in American Politics*, como líderes políticos alcançam o público avivando constantemente a ideia da possível desintegração de seu modo de vida pelo choque com o modo de vida do outro: seja o outro maçom, judeu, banqueiro internacional, comunista, etc. (apud. RIESMAN, p. 10). Em Winston Parva, os mexericos mais influentes, aqueles que dominam o fluxo de comunicação, antecipam-se ao criar estigmas sobre membros mais novos e indesejáveis, portadores de costumes “perigosos”. Norbert Elias detalha como o “moinho” funcionava:

Uma comunidade coesa como a “aldeia” precisava de um fluxo constante de mexericos para manter o moinho em funcionamento. Contava com um sistema complexo de centros de intriga. Depois dos ofícios religiosos na igreja e na capela, das idas aos clubes e aos *pubs*, das peças teatrais e dos concertos, era possível ver e ouvir as rodas do moinho em ação. Podia-se observar como o nível organizacional relativamente alto da “aldeia” facilitava a transmissão dos mexericos boca a boca e permitia que as notícias interessantes se espalhassem pela comunidade com uma velocidade considerável (ELIAS, 2000, p. 121).

Há que salientar, se já não o salientamos suficientemente, que esse nível microsociológico do processo comunicativo foi exaustivamente pensado por Habermas, mesmo em suas teses iniciais sobre a esfera pública, ainda que o processo como um todo tenha sido imaginado pelo autor de uma forma bastante arenosa, onde as correias do moinho parecem não encontrar respaldo numa realidade vista como cada vez mais complexa nos estudos ulteriores sobre a comunicação no século XVIII. A ideia da publicidade implica a existência de uma esfera em que produtores e consumidores de produtos culturais interagem livremente. Esse processo de comunicação contínua é bem ilustrado pelo autor, quando menciona as constantes discussões ocorridas entre líderes



de opinião e seu público que consumia jornais nos cafés e mesmo os tinha como suporte para suas habituais conversações. Tais conversações geravam novo material pensante que retornava para os jornais na forma de cartas. Na narração de Habermas isso assume o ar de um colóquio entre filósofos. Não obstante, ele não deixa de perceber a importância do esquema de retroalimentação que fundamenta o texto escrito, explorando-o através do vasto material empírico que respalda a sua tese sobre a transformação estrutural da esfera pública. O agendamento da conversa assim funcionava:

Os artigos de jornais não só são transformados pelo público dos cafés em objeto de suas discussões, mas também entendidos como parte integrante deles; isto se mostra no dilúvio de cartas, das quais os editores semanalmente publicavam uma seleção. As cartas dos leitores, quando o *Spectator* se separa do *Guardian* recebem uma instituição própria: na parte Oeste do café *Button's* é colocada uma cabeça de leão, por cuja garganta o leitor podia jogar as cartas. Também a forma de diálogo, que muitos artigos mantêm, testemunha a proximidade da palavra falada. Transporta para um outro meio de comunicação, continua-se a mesma discussão para, mediante a leitura, reingressar no meio anterior, que era a comunicação (1984, p. 59).

Nesse sentido, uma geração mais recente de historiadores caminhou decididamente pelo terreno das várias mídias disponíveis para perceber o real trâmite das ideias, dependente dos esquemas materiais em que se encontravam inscritas. Os estudos de Robert Darnton enfatizam a questão da retroalimentação: trata-se de perceber como textos que se difundiram e alcançaram expansão, chegando até nós em edições encadernadas, nada têm a ver como uma esfera pública em que a comunicação ocorria livremente, mediada por pretensões de validação. Mas sim, também, pela comunicação subterrânea que muitas vezes estamos desarmados para depurar e que, por esse motivo, relegamos a um segundo plano. A subliteratura que alimenta os vários investimentos contra indivíduos de prestígio no Antigo Regime, e que foi, decerto, muito importante para a derrocada do Antigo Regime, corre por baixo da censura através de diferentes formas, imbricada de traços orais. Como lembra Darnton, o “item noticioso”, que alimentava as conversas, estas de fato importantes para o agendamento dos temas públicos, podia se originar de rumores públicos e ser manipulada por mexericos semiprofissionais, encarregados de levar de um salão para outro as ‘boas novas’. Os salões e cafés certamente serviam de abrigo para as transações desses ‘itens noticiosos’ e, ali em seu conforto, transformavam-se em material mais perecível através das conversações, para por fim assumir a forma de escritos. Analisando vários casos que



circulam em torno da árvore de Cracóvia, onde em Paris se costumava ir para buscar e levar notícias, Darnton perpassa quatro estágios para a produção de uma notícia referente à vida cortesã:

Primeiro, começou como *mauvais propos*, ou fuxico interno da corte. Segundo, tornou-se um *bruit public*, ou rumor generalizado em Paris, e o texto usa uma expressão forte: ‘a opinião geral do público’. Terceiro, foi incorporado às *nouvelles à la main*, ou folhas escritas de notícias, que circulavam nas províncias, como a de Mme Doublet. Quarto, foi impresso num *libelle*, ou livro de escândalo – neste caso, um best-seller, que teve várias edições e conquistou leitores em toda parte (2005, pp. 51-2).

Darnton percebe como uma fofoca mal intencionada pode provocar um verdadeiro mal-estar público, isto é, ganhar repercussão na própria esfera pública, mesmo tendo partido de um muitas vezes despretensioso ato oral.

A coincidência de temas dos *mauvais propos* e dos *libelles* não deveria surpreender, pois falar e ler a respeito de vidas privadas e assuntos públicos eram atividades inseparáveis. Foi uma leitura pública de um *libelle* que desencadeou a conversa sediciosa na loja de perucas. Além disso, os ‘rumores públicos’ alimentavam a feitura dos textos (op. cit, p. 65).

Ele acaba por ilustrar, através de exemplos concretos, a importância do esquema de retroalimentação que ocorria entre textos escritos e conversas cotidianas. O que, de fato, foi importante para a formação de uma esfera pública burguesa. As conversas ocorridas em caráter privado alimentavam os escritos que, por sua vez, intensificavam ainda mais os rumores públicos. Retornamos assim ao sonho que Darnton teve com Lamourette, entrevedo as hordas de homens correndo sob o signo de ideias vagas e dispersas, para pesarmos o importante papel do rumor ou do boato sobre os sedimentos de um bem consolidado corpo de ideias iluministas. Nas complexas vias de organização do imaginário social, que subjaz a racionalidade da esfera pública, temos difíceis canais de mobilização do homem iletrado, que absorvia vagamente a vulgata de ideias políticas e em rompantes turbulentos entendia construir a utopia sobre os escombros do Antigo Regime. Ao estudar este importante aporte das ciências humanas que são os imaginários, mencionamos um último autor, esperando não cansar o nosso próprio leitor com referências desnecessárias. Bronislaw Baczko possui um dos tantos outros estudos sobre o século XVIII francês. Mas faz isso de passagem, em seu *case studie* para o item “Imaginação Social” da *Enciclopédia Einaudi*. Ali, Baczko menciona a dispersão dos boatos que atuam rapidamente na formação de uma imagem vaga do outro. Ao se referir à mobilização coletiva irracional, Baczko apresenta esquemas mentais mais confusos e



difíceis de captar e, ao mesmo tempo, capazes de alcançar verdadeiros prodígios. Não estamos insinuando que são bárbaras as multidões em suas ações confusas, mas que, mesmo elas, possuem formas específicas de trânsito de ideias, ainda que não sejamos capazes de capturá-los através de esquemas de estudos que tenham como ponto de partida a racionalidade da conversação:

As revoltas são precedidas de boatos sobre os novos impostos ou sobre a chegada dos cobradores, ou ainda sobre o aquartelamento de soldados na aldeia, etc. As tabernas, as feiras e as festas, bem como os encontros à saída da missa, são outros tantos lugares de reunião a partir dos quais se propagam as informações e boatos. É através destes que se articula a antinomia entre “nós” e “eles”, isto é, duas representações que traduzem e esquematizam, simultaneamente, as recusas, os conflitos e os ressentimentos: “eles querem matar-nos à fome”; “eles querem roubar-nos”; “eles vêm instalar-se em nossa casa para nos tirar o lar”. “Eles” significa os estranhos e os traidores à comunidade; “nós” designa os membros da comunidade por nascimento, residência e destino. Pela mesma operação, estas representações globalizantes e unificadoras definem o motim como defensivo, como uma resposta armada contra a chegada de um invasor armado, contra uma agressão caracterizada (BACZKO, 1989, p. 316).

De forma similar como acontecia na Winston Parva de Norbert Elias, a imagem do outro é rapidamente construída através de canais orais de informação movimentados por mexericos. Os ingredientes que somam o rumor ao político podem assim mobilizar vastos conjuntos de indivíduos e levá-los a esforços hercúleos. Mapear o percurso do rumor é uma tarefa cuja realização é pouco provável, mas que, devidamente considerada, contribui para o entendimento do processo comunicacional como um todo. Quer dizer, considerando-o nem como um conjunto de atos individuais e nem como blocos de ideias que surgem sobre as cabeças dos indivíduos, formando compactos homogêneos de crenças.

3. Concluindo: o outro.

Vimos, ainda que brevemente, como o processo de construção de identidades políticas é atravessado e mesmo depende da conversação em seus níveis mais simples. Salientamos por fim que estas conversas, mesmo que sob o signo das vulgatas políticas, sempre envolvem a presença de um outro imaginado, seja ele o indivíduo diferente que se apresenta num bairro e é logo vítima das “blame gossips” ou um líder político tido como incapaz de conduzir uma nação. A onipresença do outro como figura constante nas conversações, ainda que versem sobre domínios mais vastos e sofisticados, merece estudos mais aprofundados no terreno das comunidades políticas. Nesse sentido, a



identidade é uma construção em movimento e se constrói sempre em oposição aos valores do outro, seja nos limites de um bairro ou de toda uma nação. Cabe aprofundar essa relação da conversa com o outro, sem tomá-la, tão simplesmente, como uma relação entre emissor e receptor, mas como uma complexa atividade cruzada por elementos racionais e irracionais, que constituem a base da formação de ideias políticas em ambientes de pequena ou grande amplitude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- BACZKO, Bronislaw. “Imagário social”. EM, **Enciclopédia Einaudi**, v. 5. Anthropos – Homem. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington**: um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade de Corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- HABERMAS, Jurgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HABERMAS, Jurgen. **Verdade e justificação**. Ensaios filosóficos. São Paulo: Loyola, 2004.
- MATTÉI, Jean François. “Civilização e barbárie”. IN: ROSENFELD, Denis. **Ética e Estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- MCLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutenberg**. São Paulo: Usp, 1972.
- PORTER, Roy. **The Enlightenment**. 2ª Ed. New York: Palgrave, 2001.
- RIESMAN, David. **A multidão solitária**. 2ª. Edição. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- TARDE, Gabriel. **A Opinião e as massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.